

VI Congresso Internacional de Ensino da Matemática



ULBRA - Canoas - Rio Grande do Sul - Brasil

16, 17 e 18 de outubro de 2013

Comunicação Científica



UMA METODOLOGIA PARA OS TRABALHOS EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA: A HISTÓRIA ORAL

Marinéia dos Santos Silva¹

História da Matemática, História da Educação Matemática e Cultura.

Resumo: Este trabalho tem por objetivo apresentar uma metodologia que está sendo adotada em uma investigação (de Mestrado) em andamento sobre a formação de professores que ensinam matemática nos anos iniciais na região de São José do Rio Preto/SP nas décadas de 1980 e 1990 e cercanias. Tal estudo pretende contribuir com a linha de História da Educação Matemática, e assim colaborar com um Projeto Maior do Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática (GHOEM), em desenvolvimento, cujos objetivos são: elaborar um mapeamento (histórico) sobre a formação e atuação dos professores de Matemática no Brasil e constituir um referencial metodológico próprio para a utilização de História Oral como método qualitativo de pesquisa para os trabalhos em Educação Matemática. Neste sentido, a investigação assume um caráter qualitativo e a metodologia adotada é a História Oral. Tendo como direcionamento pesquisas concluídas, leituras e discussões do Grupo, este presente trabalho também tem a finalidade de tecer considerações sobre os procedimentos metodológicos que cerceiam a História Oral enquanto método na pesquisa de Mestrado, bem como, descrever a importância que as narrativas assumem nas pesquisas do Grupo. Vale ressaltar que a nossa intenção é constituir fontes historiográficas, sendo este último, um diferencial do Grupo em relação aos trabalhos que também fazem o uso de entrevistas.

Palavras Chaves: História da Educação Matemática. História Oral. Formação de Professores.

1. INTRODUÇÃO

Tecer considerações acerca da História Oral enquanto Metodologia para a pesquisa de Mestrado (em andamento) e os seus procedimentos metodológicos; estabelecer compreensões sobre a constituição de fontes historiográficas são os objetivos deste trabalho. Com ele, buscamos² contribuir com a linha de pesquisa da Educação Matemática conhecida como História da Educação Matemática no Brasil. Trata-se de mais um dentre os esforços que vêm sendo realizados pelo GHOEM – Grupo História Oral e Educação Matemática³, como também, por outros trabalhos que colaboraram com tal linha de pesquisa.

¹Especialista em Matemática. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática – Unesp/Rio Claro – Membro do GHOEM/Bolsista CNPQ. marineia.ss@hotmail.com

²Vale ressaltar que falo na 3ª pessoa do plural, pois não acredito em pesquisa individual, neste caso, me remeto às compreensões do Grupo, incluindo consequentemente minha orientadora.

³Consultar www.ghoem.com

Neste sentido, há dez anos o GHOEM vem desenvolvendo pesquisas⁴ que tem como norte o Projeto Maior⁵, cujos objetivos são: delinear um “mapa de movimentação” sobre a formação de professores de Matemática no Brasil a partir, principalmente, de narrativas de professores, constituir um referencial metodológico próprio para a utilização de História Oral como método qualitativo de pesquisa para os trabalhos em Educação Matemática e elaborar – em trajetória – uma abordagem teórico-filosófica ampla para a configuração de tendência que, ao menos no Brasil, tem sido chamada de “História da Educação Matemática” (GARNICA, 2002)⁶.

Vale ressaltar que as considerações acerca da Metodologia apresentada neste trabalho, versam sobre as leituras e compreensões para o desenvolvimento da pesquisa de Mestrado que objetiva-se: Constituir uma narrativa histórica alinhavando as fontes escritas disponíveis com as entrevistas (relatos orais dos nossos colaboradores), versando sobre o processo de formação de professores que ensinam matemática nos anos iniciais na região de São José do Rio Preto – SP⁷, durante as cercanias das décadas de 1980 e 1990. Vale ressaltar as movimentações político-sociais-econômicas que envolveram essa formação à época, bem como o contexto em que as políticas educacionais foram implantadas.

Tal pesquisa é uma colaboração com o Projeto Maior que se dará em uma direção ainda não analisada nas pesquisas realizadas até o momento no Grupo: tem por finalidade analisar uma das facetas da história da formação de professores dos anos iniciais – formação essa dada em nível de 2º grau (Magistério) – no interior paulista. As peculiaridades, singularidades e metodologia a serem desenvolvidas na pesquisa de Mestrado visam a colaborar com o projeto de longa duração, juntamente com os trabalhos já concluídos⁸.

2. DESENVOLVIMENTO

⁴São pesquisas concluídas e outras ainda em desenvolvimento. Para maiores informações, consultar o artigo: Entre a Amnésia e a Vontade de nada Esquecer: notas sobre regimes de historicidade e história oral (GARNICA, FERNANDES E SILVA, 2011).

⁵De acordo com Garnica, Fernandes e Silva (2011) o GHOEM não se dedica exclusivamente à História Oral, são trabalhos diversos que não necessariamente se dirige à Educação Matemática. Neste mesmo texto, os autores ainda discutem que parte do grupo explora as potencialidades e limites da História Oral, outros ainda, se dedicam a recuperar documentos escritos, arquiteturas e monumentos.

⁶Trata-se do projeto de GARNICA, A.V.M. (2002), intitulado A Tessitura da trama: Memória, História, Oralidade, Pesquisa Qualitativa e Educação Matemática num estudo de interfaces. Projeto de Pesquisa – CNPq, 2002.

⁷Cidade sede da Mesorregião, localizada a 454 km da capital, São Paulo. A região de São José do Rio Preto é localizada no extremo noroeste do estado e é a maior em extensão territorial, contendo 96 municípios. Ela é dividida em cinco microrregiões que são: Jales, Fernandópolis, Votuporanga, São José do Rio Preto e Catanduva.

⁸Cury (2011); Martins-Salandim (2012); dentre outros (vide GARNICA, FERNANDES E SILVA, 2011).

2.1. História, Historiografia e História Oral

Filho e Vidal (2003) elaboraram uma reflexão referente à história da educação produzida ao longo dos anos 1980 e 1990 e observaram um crescimento substancial na produção de trabalhos em História da Educação no Brasil, ressaltando que ao mesmo tempo foi-se constituindo certa identidade, ainda que multifaceta e plural do historiador da educação. Nesse mesmo trabalho, eles apontam a continuidade da utilização de fontes tradicionalmente usadas pelos historiadores da educação, e, sobretudo, a utilização de outras ainda não tão comuns ao meio, como a memória.

Segundo Albuquerque Júnior (2007, p. 33-34), o trabalho exercido pelo historiador, “tem como principal instrumento a narrativa, a linguagem, que é o recurso fundamental de mediação, de mistura, de relação do homem com o mundo. Não existe evento humano e humanizado que não passe pelo conceito, pelo significado, pela significação”. Para este autor a história nos tempos atuais⁹ inverteu a relação entre o passado e o presente e agora aprendemos que é o presente que interroga o passado e o conecta com a nossa vida, com as suas problemáticas; o passado, como a História, é uma invenção do presente, embora ancorada nos signos deixados pelo passado.

Escrever história é também mediar temporalidades, exercer a atividade de tradução entre naturezas, sociedades e culturas de tempos distintos. (...) Cabe ao historiador, profissional do presente e não do passado, como dizia Bloch, construir em suas narrativas a mediação entre os tempos e diferenciar, como queria Kant, o que é atual, o que é próprio do nosso tempo, do que é apenas contemporâneo, o que está do nosso lado, mas vem de outros tempos, e talvez intuir, abrir a possibilidade de horizontes outros para o futuro (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 33).

Concordamos com Garnica (2005) de que não buscaremos no passado, a verdade absoluta dos fatos, mas a verdade das histórias, (re)constituindo-as como versões, analisando como se impõem os regimes de verdade que cada uma dessas versões se cria. Para esse autor, a História Oral nos direciona a criar registros, e com ajuda dos depoentes criamos documentos “cuja função é preservar a voz do depoente – muitas vezes alternativa e dissonante – que o constitui como sujeito e que nos permitem (re)traçar um cenário, um entrecruzamento do quem, do onde, do quando e do porquê”. Neste contexto,

⁹ Escola dos Annales, ver BLOCH, Marc. Apologia da História ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História e suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais (DELGADO, 2010, p. 15).

E ainda,

A realidade é complexa e multifacetada; e um mérito principal da história oral é que, em muito maior amplitude do que a maioria das fontes, permite que se recrie a multiplicidade original de pontos de vista. Mas essa vantagem não é importante apenas para escrever história. Em sua maioria, os historiadores fazem julgamentos implícitos e explícitos - o que é muito certo, uma vez que a finalidade social da história requer uma compreensão do passado que, direta ou indiretamente, se relaciona com o presente (THOMPSON, 1992, p. 25-26).

Resolvidos quanto às perspectivas teórico-metodológicas de investigação em História da Educação Matemática, ou seja, a da História Oral¹⁰ nos é possível discorrer a seguir sobre aspectos que fundamentam as intenções deste trabalho sobre o tema em questão.

2.2. Uma Metodologia na Educação Matemática: A História Oral

Para o GHOEM, a História Oral foi o aglutinador inicial de um núcleo de pesquisadores interessados em compreender as potencialidades da oralidade e memória – pontos nodais de um método. Ao discutir as ações a partir da coleta de informações tornadas manifestas pela oralidade,

[...] a constituição de um método que ressalta a importância da memória, da oralidade, dos depoimentos, das vidas das pessoas julgadas essenciais – sob algum ponto de vista – para compreender os “objetos” que as investigações pretendem focar, são, desde muito tempo, no Brasil e no mundo, comuns. A História Oral é um dentre esses métodos (GARNICA, 2007, p. 28).

Neste sentido:

¹⁰É interessante ressaltar que a História Oral pode ser definida segundo três possibilidades: Técnica, Metodologia ou Disciplina (Ferreira & Amado, 2001). O GHOEM a utiliza versando suas potencialidades como uma Metodologia de Pesquisa Qualitativa na Educação Matemática.

Metodologia, para o GHOEM, é um conjunto de procedimentos que não teriam sentido sem uma fundamentação. Trata-se, sim, de optar por um conjunto de ações (procedimentos) que nos permita abordar/compreender algo, mas, além disso, trata-se de saber quais as potencialidades e os limites dessas ações, quais seus fundamentos, qual o terreno em que tais ações se assentam. Posto que metodologia é um complexo em que dialogam procedimentos e fundamentações/teorizações, cada investigação implica argumentações próprias sobre como, quando e por que agir sob certos condicionantes (GARNICA, FERNANDES e SILVA, 2011, p. 232-233).

Consideramos importante ressaltar as diferenças entre o método investigativo defendido na História Oral e aquele defendido na chamada “História Clássica ou Tradicional”. Para Garnica (2006) a primeira expressão, História Oral, já é simplificada e para ele melhor seria dizer: a História (re)constituída a partir da oralidade, sendo portanto, uma clara complementação e não oposição àquela concepção de História pautada somente em documentos escritos, ou melhor, em “fontes primárias”. Ele ainda enfatiza:

Não vejo a escrita e oralidade em oposição, mas com *possibilidades complementares* para a elaboração histórica. Historiadores conceituados – tanto antigos como contemporâneos – afirmam sobre as vantagens da utilização de *várias fontes* para a compreensão do mundo, pelo viés da História: o estudo dos homens no tempo. Negar os arquivos como recurso de pesquisa seria um equívoco tão alarmante quanto negar a importância da oralidade para entender a temporalidade e, nessa temporalidade, as circunstâncias humanas (GARNICA, 2006, p.80 – grifo nosso).

Segundo as concepções de Garnica, Fernandes e Silva (2011) uma das funções da História Oral é intencionalmente constituir fontes, e por isso existe a preocupação em tornar públicos os documentos elaborados ou que estão sendo propostos a uma elaboração. Ainda segundo os autores, não cabe ao pesquisador decidir se seus escritos serão ou não utilizados, no presente ou no futuro, como fontes historiográficas, sendo essa tarefa uma atribuição feita ao leitor ao qual escapa às intenções do autor. Por isso,

[...] todas as produções, todos os registros são fontes historiográficas potenciais, queiramos ou não. [...] Disso decorre que a operação historiográfica – que nada mais é do que o conjunto de ações que *transformam* fontes em narrativas históricas, apoiadas em certos procedimentos e fundantes, isto é, apoiadas em uma determinada metodologia – é uma das preocupações centrais a qualquer oralista, e isso implica o estudo da Historiografia e seus agentes, implica questionar-se sobre o que é escrever História, o que são e como são elaboradas – com as reorientações dadas pelo contexto e pelos métodos – narrativas históricas; implica, em resumo, defender uma concepção sobre o que é História e sobre

quais os modos de praticar a Historiografia (GARNICA, FERNANDES E SILVA, 2011, p. 237).

Assim,

[...] a potencialidade da História Oral para a historiografia não deve ser buscada na autosuficiência das fontes orais em detrimento de outras fontes, mas na natureza qualitativa das informações que as fontes orais incorporam à operação historiográfica (MARTINS-SALANDIM, 2012, p.53).

Ainda para a autora, as narrativas se constituem como registros daquilo que se percebe, no presente, de algo que se vivenciou, e para ela, um fato é aquilo que dele percebe-se, e fonte legítima são os registros de memória feitos a partir de relatos orais. Uma mera coleção de entrevistas, não constitui em si, uma operação historiográfica, mas os registros de memória disparam um processo historiográfico que, para constituir-se como tal é necessário o cotejamento dessas fontes com outras, ou seja, de várias naturezas.

2.2.1 Procedimentos Metodológicos

Os procedimentos metodológicos que abarcam a pesquisa de Mestrado (em andamento) são: Aprofundamento da revisão bibliográfica acerca do tema proposto. Vale ressaltar que, ao mobilizar a História Oral como metodologia para a pesquisa de Mestrado é necessário um aprofundamento do suporte teórico para as nossas discussões envolvendo História.

No segundo momento, fizemos uma pré-seleção dos professores que foram/serão¹¹ os colaboradores da nossa pesquisa. Vale enfatizar que em determinadas microrregiões os documentos junto às Secretarias Municipais de Educação (SME) e Diretorias Regionais de Ensino (DE) de algumas cidades já foram coletados. Nossa intenção é coletar os depoimentos orais (entrevistas), nas cidades/sedes dessas microrregiões, que são: Catanduva, Fernandópolis, Jales, São José do Rio Preto e Votuporanga.

¹¹Digo isto, pois já iniciei a coleta de dados: As microrregiões de Jales, Fernandópolis e Votuporanga já foram mapeadas. A pretensão da pesquisadora é voltar em Julho para terminar as microrregiões de Catanduva e São José do Rio Preto.

A seleção dos colaboradores está sendo pautada em sua formação, essa dada em nível de 2º grau, ou seja, supervisores, diretores, coordenadores e professores que se formaram em Escolas Normais, que fizeram a Habilitação Específica para o Magistério (HEM) e também aqueles que se formaram nos Centros Específicos de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (CEFAM). Para a formação do núcleo de colaboradores, Garnica, Fernandes e Silva (2011) ressaltam o critério de rede, que ao convidar depoentes para participar da pesquisa, estes indicam ao pesquisador nomes de outros professores que possam ajudar a investigação. Em seguida, elaboramos o roteiro¹² para as entrevistas e estabelecemos contato com os nossos colaboradores.

O terceiro momento será seguido pelos seguintes passos: realização (algumas entrevistas já foram realizadas), transcrição, textualização e legitimação das entrevistas. A realização das entrevistas foi/será feita mediante datas e horários estabelecidos pelos colaboradores. Segundo Cury (2011) os depoimentos gravados passarão por um processo primário chamado de transcrição, que é o primeiro registro escrito dos depoimentos orais. Em relação a esta fase o autor enfatiza que cabe ao pesquisador ser o mais fiel possível a todos os elementos linguísticos presentes nos diálogos entre pesquisador e colaborador. Em seguida vem o processo de textualização¹³ da transcrição que, segundo o mesmo autor, nada mais é do que o depoimento transcrito com a omissão de algumas falas e vícios de linguagem de modo que as informações estejam integradas com o contexto da pesquisa. Para Garnica, Fernandes e Silva (2011, p. 236), “não há regras para textualizar e essa operação depende, fundamentalmente, da sensibilidade e do estilo de redação do pesquisador”.

Depois dos passos apresentados anteriormente, o instante quarto é a análise dos dados. Concordamos com Martins-Salandim (2012) de que, nessa fase, a intenção não é comparar o conjunto de depoimentos coletados, mas sim explicitar as percepções sobre o objeto de estudo por meio das narrativas dos professores e toda a multiplicidade de recursos que, eventualmente, poderemos mobilizar.

Um processo de análise não é linear nem objetivo: é tortuoso, feito de idas e vindas, objetivos que ora se concretizam, ora esmaecem; intenções que ora se diluem e desaparecem, ora se impõem como vitalmente importantes, mesmo que antes não nos tenha parecido ser assim. Os encontros e

¹²No grupo há trabalhos que envolvem a História Oral Temática e a de Vida como nos ressaltam Baraldi (2003), Cury (2011) e Martins-Salandim (2012). Há ainda, por exemplo, pesquisadores que optam pelo estilo de redação das narrativas dos colaboradores em formato de um monólogo, ou apenas, em formato de diálogo. O roteiro geralmente é fixo para todos os colaboradores, (...) para maiores informações, consultar Cury (2011), páginas 29 e 30.

¹³Depois que terminamos a textualização, entramos em contato com o colaborador, e ele confere tudo o que está escrito, estando de acordo, ele assina a carta de cessão, nos dando plenos direitos em divulgar seu depoimento, e consequentemente, torná-la fonte historiográfica.

reencontros – com as informações coletadas, com as pessoas com as quais convivemos, com nossos pressupostos teóricos e vivenciais, com a literatura específica etc – vão criando o caminho que, ao ser percorrido, nos permite gerar algumas compreensões (MARTINS-SALANDIM, 2012, p. 310).

Na História Oral, os dados são provenientes de relatos, comentários, depoimentos e testemunhos, sejam eles de natureza oral ou escrita. O trato com as narrativas dos professores requer atenção minuciosa, pois estaremos trabalhando com posturas, visões e entendimentos não nossos, mas de pessoas que nos auxiliarão a encontrar rastros, traços e pegadas acerca da compreensão da formação de professores dos anos iniciais. Para Garnica (2012) se a narrativa constrói cenários, a análise direciona.

A preponderância dos processos indutivos, a predominância de dados descritivos, a ênfase ao processo em detrimento do produto, a necessidade de questões geradoras e regras bem definidas de ação para a *análise dos dados coletados*, critérios de avaliação públicos, discutidos e acordados pela comunidade, e a responsabilidade do pesquisador em relação à sua pesquisa [...] são, segundo pensamos, *elementos reguladores centrais* em uma pesquisa qualitativa (GARNICA, 2002, p. 13 – grifo nosso).

Garnica (2012), em um recente trabalho, ao fazer a análise dos depoimentos de três professores de Matemática nos chama a atenção e nos remete aos autores Bolívar, Domingos e Fernandez (2001)¹⁴. Corroboramos com ele que a análise não é entendida como julgamento, mas como um esquadilhar de perspectivas para possíveis compreensões. Ele ressalta que quando as fontes são propriamente narrativas,

[...] a análise dessas fontes pode ser desenvolvida de dois modos: buscando nelas elementos comuns para que categorias sejam formadas e (re)interpretadas (essa a análise paradigmática de narrativas) ou destacando as singularidades de cada história, o modo particular com que cada narrador se mostra, ao narrar uma (e narrar-se numa sequência de argumentos (essa a análise narrativa de narrativas). São possíveis, portanto, elaborações analíticas em dois planos: o da regularidade e o da singularidade (GARNICA, 2012, p. 344 – 345).

Para ele o modo narrativo de apresentar uma investigação biográfico-narrativa é o que tornaria ainda mais clara a natureza da investigação e as concepções do investigador. Neste sentido, os trabalhos realizados na interface História Oral e Educação Matemática geralmente

¹⁴Esses autores falam sobre a análise narrativa e a distingue em dois tipos: o paradigmático e o propriamente narrativo em seu trabalho: *La investigación biográfico-narrativa em educación: enfoque y metodología*. Madrid: La Muralla, 2001. Em Garnica (2012, p. 342-344), ressalta as diferenças entre as análises narrativas.

recorrem-se a esse conjunto de percepções que organizam os depoimentos e explicitam o sentido dado a eles pelo pesquisador, pois as

[...] narrativas não são registradas “por si”, nem têm um significado “em si”: é preciso que atribuamos significados a elas. Essa atribuição de significados – parametrizada pela plausibilidade, não pela veracidade – é sempre feita a partir daquele que interpreta, segundo suas múltiplas perspectivas, seus modos de se apropriar do mundo. [...] Do mesmo modo que a memória filtra, reordena, fantasia, o olhar do intérprete cria vieses, impõe estacas e determina direcionamentos (GARNICA, 2012, p. 346 – 347).

Ainda de acordo com esse autor, caberá ao pesquisador detectar momentos a partir dos significados que atribui ao que o depoente diz. As evidências, tendências, singularidades e divergências emergirão na análise dos dados, pois as mesmas nos serão úteis em fornecer indícios na direção dos questionamentos que conduzirão a pesquisa de Mestrado e, portanto, em fornecer narrativas históricas acerca da formação e atuação de professores na região de São José do Rio Preto/SP.

Sendo assim, a pesquisa de Mestrado (em andamento) tem a perspectiva de poder contribuir para uma análise crítica acerca das políticas públicas desenvolvidas na área de formação de professores no período correspondente e, quiçá, trazer contribuições para uma compreensão mais abrangente das forças políticas e ideológicas que cerceiam estas iniciativas promovidas e mantidas pelo Estado.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR, D. M. **História: a arte de inventar o passado**. Ensaios de teoria da história. Bauru: Edusc, 2007.

BARALDI, I. M. **Retraços da Educação Matemática na Região de Bauru (SP): uma história em construção**. 2003. 241 f. Tese (Doutorado) – UNESP, Rio Claro, 2003.

BLOCH, M. **Apologia da História ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BOLÍVAR, A.; DOMINGOS, J. e FERNANDEZ, M. **La investigación biográfico-narrativa em educación: enfoque y metodología**. Madrid: La Muralla, 2001.

CURY, F. G. **Uma História da Formação de Professores de Matemática e das Instituições Formadoras do Estado do Tocantins**. Rio Claro, 2011. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (SP), 2011.

DELGADO, L. A. N. **história oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: autêntica, 2010.

FARIA FILHO, L. M.; VIDAL, D. História da educação no Brasil: a constituição histórica do campo e sua configuração atual. **Educação em Foco**. Órgão Oficial da Faculdade de Educação. Centro Pedagógico da UFJF. Universidade Federal de Juiz de Fora. V. 7, N. 2. Set./Fev. 2002/2003.

GARNICA, A. V. M. **Cartografias Contemporâneas**: mapear a formação de professores de Matemática. (Texto não publicado. No prelo).

GARNICA, A. V. M. **Estacas em Paisagens Móveis**: um ensaio a partir da narrativa de três professores de Matemática. In TEIXEIRA, I. A. de C.; PAULA, M. J. de; GOMES, M. L. M.; AUAREK, W. A. (ORG). **Viver e Contar**: experiências e práticas de professores de matemática – Ed. Livraria da Física. São Paulo. Coleção Contexto da Ciência. p.331-347. 2012.

GARNICA, A. V. M.; FERNANDES, D. N.; SILVA, H. **Entre a Amnésia e a Vontade de nada Esquecer**: notas sobre regimes de historicidade e história oral. *BOLEMA* (Rio Claro), v. 25, n. 41, p. 213-250, 2011.

GARNICA, A. V. M. **Um Ensaio sobre História Oral**: considerações teórico-metodológicas e possibilidades de pesquisa em Educação Matemática. *Quadrante*, v. XVI, n. 2. p. 27-50. 2007.

GARNICA, A. V. M. História Oral e Educação Matemática. In: BORBA, M. de C. ARAÚJO, J. de L. (Org). **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática**. Belo Horizonte, Autêntica, p. 79-100. 2006.

GARNICA, A. V. M. **Um tema, dois ensaios**: método, História oral, concepções, Educação Matemática. Bauru, 2005. 205f. Tese (Livre-Docência) – Departamento de Matemática da Faculdade de Ciências, Unesp, Bauru, 2005.

GARNICA, A. V. M. **A Tessitura da trama**: Memória, História, Oralidade, Pesquisa Qualitativa e Educação Matemática num estudo de interfaces. Projeto de Pesquisa – CNPq, 2002.

MARTINS-SALANDIM, M. E. **A Interiorização dos Cursos de Matemática no Estado de São Paulo**: Um exame da década de 1960. Rio Claro, 2012. 374f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (SP), 2012.

THOMPSON, P. **A voz do passado: História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.